

OS PROFETAS E A MISSÃO

A DESAFIANTE PROCURA E LEITURA DO SENTIDO DA HISTÓRIA

A figura do profeta e a compreensão da sua missão são uma realidade literária e histórica, que a grande maioria de nós conhece, essencialmente, ‘de ouvir falar’ (Job 42,6). Catequeses, homilias, conferências, cursos... encheram e enchem grande parte do nosso conhecimento da narrativa bíblica... nem sempre facilitando uma genuína compreensão da figura bíblica do profeta, tão real no seu tempo, como nos nossos tempos.

Na bíblia nós intuímos, de imediato que estamos no campo literário da profecia através de uma linguagem específica, que contrasta nitidamente com a linguagem utilizada em outros campos literários:

“Escutai, ó céus, presta atenção ó terra, porque **Yhwh fala** (כִּי יְהוָה דִּבֶּר): «Criei filhos e fi-los crescer, mas eles revoltaram-se contra mim. O boi conhece o seu dono, e o jumento, o estábulo do seu senhor; mas Israel, meu povo, nada entende.» (Is 1,2-3)

A palavra do Senhor (דְּבַר יְהוָה) foi-me dirigida nestes termos: «Vai e grita aos ouvidos de Jerusalém, dizendo: Assim **fala o Senhor** (כֹּה אָמַר יְהוָה): ‘Recordo-me da tua fidelidade no tempo da tua juventude, dos amores do tempo do teu noivado, quando me seguias no deserto, na terra em que não se semeia. Israel era, então, propriedade sagrada do Senhor, primícias da sua colheita. Todos os que ousavam comer dela, pagavam, e sobrevinha-lhes a desgraça’ – **oráculo do Senhor** (נְאֻם יְהוָה). Escutai **a palavra do Senhor** (דְּבַר יְהוָה), casa de Jacob e todas as famílias da casa de Israel. Assim **fala o Senhor** (כֹּה אָמַר יְהוָה): ‘Que injustiça encontraram em mim os vossos pais para me abandonarem, indo atrás da nulidade dos ídolos?’ (Jr 2,1-5)

No princípio, quando Deus criou os céus e a terra, a terra era informe e vazia, as trevas cobriam o abismo e o espírito de Deus movia-se sobre a superfície das águas. Deus disse: «Faça-se a luz.» E a luz foi feita. Deus viu que a luz era boa e separou a luz das trevas. Deus chamou dia à luz, e às trevas, noite. Assim, surgiu a tarde e, em seguida, a manhã: foi o primeiro dia. (Gn 1,1-5)

Estes são os nomes dos filhos de Israel, e as respetivas famílias, que foram com Jacob para o Egipto: Rúben, Simeão, Levi, Judá, Issacar, Zabulão, Benjamim, Dan, Neftali, Gad e Aser. (Ex 1,1-4)

Estas são as palavras que Moisés dirigiu a todo o Israel, do outro lado do Jordão (Dt 1,1)

E aconteceu que, depois da morte de Josué, os filhos de Israel consultaram o Senhor, dizendo: «Quem de nós irá em primeiro lugar combater os cananeus?» O Senhor respondeu: «Subirá Judá, pois entreguei o território nas suas mãos.» (Js 1,1-2)

Depois, disse-me: «Filho de homem, (אֶת־כָּל־דְּבָרֵי אֲשֶׁר אֲדַבֵּר todas as palavras que Eu te disser, guarda-as no teu coração, escuta-as com toda a atenção. Levanta-te e vai ter com os exilados, os teus compatriotas. Fala com eles e diz-lhes: (כֹּה אָמַר אֲדֹנָיִּי הִנֵּה!) Assim fala o Senhor Deus, quer eles ouçam, quer não ouçam.» (Ez 3,10-11)

Palavra do Senhor (דְּבַר־יְהוָה) que foi dirigida a Oseias (Os 1,1)... Ouvi a palavra do Senhor (דְּבַר־יְהוָה), filhos de Israel, porque o Senhor vai entrar em litígio com os habitantes do país, porque não há verdade nem misericórdia nem conhecimento de Deus, na terra. Juram falso, mentem, assassinam, roubam, cometem adultério, usam de violência e derramam sangue sobre sangue. (Os 4,1-2).

Palavra do Senhor (דְּבַר־יְהוָה) dirigida a Joel, filho de Petuel. Ouvi isto, anciãos! Prestai ouvidos, vós todos os habitantes do país! (Jl 1,1)

Ó SENHOR, nosso Deus, como é admirável o teu nome em toda a terra! (Sl 1,1)

Tem compaixão de mim, ó Deus, pela tua bondade; pela tua grande misericórdia, apaga o meu pecado. (Sl 51,1)

Provérbios de Salomão, filho de David, rei de Israel, para aprender a sabedoria e a instrução; para compreender as palavras sensatas, para adquirir as lições do bom senso: justiça, equidade e retidão. (Pr 1,1-2)

Cântico dos cânticos, de Salomão.
Que ele me beije com beijos da sua boca!
Melhores são as tuas carícias que o vinho, ao olfato são agradáveis os teus perfumes; a tua fama é odor que se difunde. (Ct 1,1-3)

Palavras de Neemias, filho de Hacalias: «No mês de Quisleu do vigésimo ano, encontrando-me em Susa, no palácio, eis que Hanani, um dos meus irmãos, chegou de Judá com alguns companheiros. (Ne 1,1-2)

Esta diversidade ajuda-nos a recolocar um aspeto fundamental da profecia e da missão: **a questão da linguagem profética**. Nunca conseguiremos compreender o profeta e a sua missão sem uma abordagem séria da sua linguagem. **Profecia e Palavra incorporam uma relação singular, de tal modo intensa e determinante que uma sem outra não existem nem subsistem**; sem a Palavra não existe profecia e sem profecia não existe a Palavra.

No âmbito de uma dimensão dialógica da revelação divina, a um Deus Criador que procura o ser humano no espaço da sua criação (Torah...), sucede **um Deus que fala paciente e aturadamente através da mediação humana: a profecia**. O Deus impossível de ver face a face, que falara com Abraão e Moisés; o Deus que entrevira através do seu anjo para salvar Hagar (Gn 16,7-9) e o seu filho (Gn 21,17) e que impede a morte de Isaac (Gn 22,11-15); irrompe na história humana de Israel como um Deus

que se contorce de tal modo com o abandono e a leviandade do seu povo, que precisa de falar. **Fá-lo através de uma Palavra que ele dá a conhecer a seres humanos, que se demarcam por uma capacidade singular de escuta e de anúncio: os profetas.**

Fica, portanto, bem claro que **o campo literário profético se demarca pela Palavra de um Deus, que fala a Israel através da mediação humana.** Nós podemos, ainda hoje, garantir este Falar de Deus, baseando-nos simplesmente na **singularidade de algumas expressões** utilizadas pelos profetas. Nós tendemos a fixar-nos no conteúdo da mensagem profética e nem sempre valorizamos estas expressões nos nossos discursos sobre a profecia bíblica. No entanto, **os profetas e a sua missão dificilmente se entendem plenamente sem a compreensão destas expressões.** Esta apresentação, inicia com algumas notas sobre a literalidade e intratextualidade das duas expressões mais características da linguagem profética, sublinhando o impacto que estas expressões têm para uma compreensão bíblica da profecia e da missão. Não se trata de expressões que evidenciam um falar unilateral. Pelo contrário, existe um movimento dialógico neste falar verdadeiramente singular, demarcado pela reação humana e o imperativo divino. Abordaremos um exemplo a partir da narrativa do profeta Jeremias, da sua reação imediata (“Eu não sei falar” 1,6), à qual Deus responde (“...irás onde eu te enviar” 1,7). É, deste modo, que tentaremos chegar a uma compreensão da profecia e da missão como uma leitura entranhada e destemida do sentido da história. Terminaremos com uma nota breve sobre a profecia e missão: a inclusividade do testemunho bíblico, que pretende unicamente oferecer o fundamento de uma perspetiva integradora do cristianismo.

(ESQUEMA)

1. Literalidade e intratextualidade de algumas expressões proféticas

A linguagem profética repete à exaustão algumas expressões que parecem segurar a mensagem e sustentar a missão profética, no que ela pode conter de inaudito ou de radical unicidade. O modo e ocorrência destas expressões, no texto literário profético desafia-nos a uma procura e leitura cuidada do texto, na sua literalidade e intratextualidade. sobre os profetas e a sua missão como uma procura e leitura do sentido da história.

- a. “Assim fala o Senhor” (כֹּה אָמַר יְהוָה / *kōh 'āmar 'ādōnāy / yhwah*).
O sinal mediação.

O Deus que procura o ser humano no jardim do Éden (...); que chama Abrão e o convida a sair da sua terra (...); o Deus que faz Aliança (...), mas de quem não se pode ver o rosto (...), emerge rasgadamente, através desta expressão. O Deus de Israel fala e fá-lo com uma urgência e veemência singulares (כֹּה אָמַר יְהוָה). **A profecia bíblica sustenta-se e sustém-se na urgência e veemência deste falar de Deus;** que se sente impelido a comunicar e a comunicar-se.¹

A expressão “Assim fala o senhor Deus” (כֹּה אָמַר יְהוָה) parece constituir um refrão a que a linguagem profética recorre constantemente, para não se perder nem nos deixar perder da sua origem: Deus. A palavra provém de Deus, embora ela saia da boca do profeta; o mediador do falar de Deus... escolhido pelo próprio Deus.

Então, **ouvi a voz do Senhor que dizia:**

«Quem enviarei?

Quem será o nosso mensageiro?»

Então eu disse: «Eis-me aqui, envia-me.» O Senhor replicou:

«**Vai e diz** (לֵךְ וְאָמַרְתָּ) a esse povo:

ouvi, tornai a ouvir, mas não compreendereis.

Vede, tornai a ver, mas não percebereis. Endurece o coração deste povo, ensurdece-lhe os ouvidos, fecha-lhe os olhos.

Que os seus olhos não vejam, que os seus ouvidos não ouçam, que o seu coração não entenda,

que não se converta e Eu o cure.» (Is 6,8-10)

A palavra do SENHOR (דְּבַר יְהוָה) foi-me dirigida nestes termos:

«Antes de te haver formado no ventre materno,

Eu já te conhecia;

antes que saíesses do seio de tua mãe,

¹ Trata-se do Deus que o Sl 114 canta e que o salmista distingue totalmente dos deuses dos gentios:

Os deuses dos pagãos são ouro e prata,
obra das mãos dos homens: têm boca, mas não falam;
têm olhos, mas não veem; têm ouvidos, mas não ouvem,
e nariz, mas não cheiram; têm mãos, mas não apalpam,
e pés, mas não andam,
nem da sua garganta emitem qualquer som.
Sejam como eles os que os fabricam
e todos os que neles confiam. (Sl 115,4-8)

Eu te consagrei e te constituí profeta das nações.» E eu respondi:

«Ah! **Senhor DEUS, eu não sei falar** (לֹא יָדַעְתִּי דַבָּר),
pois ainda sou um jovem.» Mas o SENHOR replicou-me:

«Não digas: ‘Sou um jovem’. Pois **irás onde Eu te enviar** (אָפְשָׁלְךָ אֲנִי לְיָדָי)
e dirás tudo o que Eu te mandar. Não terás medo diante deles,
pois Eu estou contigo para te livrar»

– oráculo do SENHOR (נְאֻם יְהוָה). (Jr 1,4-10)

Amós respondeu a Amacias: «Eu não era profeta, nem filho de profeta. Era pastor e cultivava frutos de sicómoros. **O Senhor pegou em mim**, quando eu andava atrás do meu rebanho, e **disse-me: ‘Vai, e profetiza** (אָמַר יְהוָה לִי הִנְבִּיאָה) **ao meu povo de Israel’**. (Am 7,14-15)

A insistência na origem divina do falar profético supõe uma escuta e um diálogo singular. Sem a escuta e a relação com Deus o profeta não existiria e a sua missão não teria qualquer legitimidade. É precisamente a capacidade de escuta e de diálogo que definem o profeta; que o definem, não como um adivinho de coisas que estão para acontecer, mas como **aquele sabe perscrutar uma palavra de Deus, na mais absoluta interioridade de si mesmo e das vicissitudes históricas...** tornando-o capaz de oferecer um sentido à vida dos homens e mulheres do seu tempo, direcionando ou redirecionando o Israel que se havia perdido de Deus e de si mesmo.

Sem a escuta e a relação, o profeta nunca teria chegado ao reconhecimento e à ousadia de afirmar que a sua palavra humana é uma palavra de Deus; é o próprio **Deus que fala** (כֹּה אָמַר יְהוָה). Na escuta e na relação que é capaz de estabelecer com Deus, **o profeta experimenta uma presença que ele percebe estender-se a todo o Israel.** Deus irrompe na sua vida, com um objetivo bem definido: o de enviar o profeta a comunicar uma palavra, que é na sua essência uma afirmação da presença de Deus na história de Israel... O Deus da Aliança, não obstante a desmesurada infidelidade de Israel, declara-se fiel e presente através de uma palavra que indica caminhos, estabelece e restabelece a relação; tornando-se revelação e salvação.

É esta a finalidade dos oráculos proféticos, sejam eles de condenação ou de salvação. A palavra de Deus que nas narrativas da criação irrompe com todo o seu poder criador; na palavra profética invade a história humana de um povo crente, com toda a energia que uma palavra dita pode conter na revelação do pecado e salvação do pecador:

Quando Israel era ainda menino,

Eu amei-o (וְאֶהְבֵּהוּ),
e **Eu** chamei (קָרָאתִי) do Egípto o meu filho.
Mas, quanto mais os chamei,
mais eles se afastaram;
ofereceram sacrifícios aos ídolos de Baal
e queimaram oferendas a estátuas.
Porém, **Eu ensinava** Efraim a andar,
trazia-o nos meus braços, mas não
reconheceram
que era **Eu quem cuidava** deles.
Eu os segurava com laços humanos,
com laços de amor e Eu fui para eles como os
que levantam
uma criancinha contra o seu rosto;
Eu inclinei-me para ele para lhe dar de comer.

Ele voltará para o Egípto, e a Assíria será o seu
rei,
porque recusaram converter-se.
e espera sempre no teu Deus. (Os 12,6)

... capaz de distinguir o verdadeiro profeta do falso profeta.

Assim fala o Senhor (כֹּה אָמַר יְהוָה)
contra os profetas
que desencaminham o seu povo:
'Quando têm alguma coisa para mastigar,
anunciam a paz.
Mas declaram guerra santa
àquele que não lhes põe nada na boca.'

lit. porque não haverá resposta de Deus (אֵין מַעֲנֶה אֱלֹהִים). (Mq 3,5-7)

A espada devastará as suas cidades,
destruirá as suas defesas e os devorará,
por causa dos seus planos...

Mas como poderia abandonar-te, ó Efraim?
Entregar-te, ó Israel?

Como poderia Eu abandonar-te, como a
Adma,
ou tratar-te como Seboim?
O meu coração dá voltas dentro de mim,
comovem-se as minhas entranhas.
Não desafogarei o furor da minha cólera,
não voltarei a destruir Efraim;
porque **Eu sou Deus** e não um homem,
Eu sou o Santo no meio de ti
e não me deixo levar pela ira... (Os 11,1-9)
O Senhor é o Deus do universo,
o seu nome é Senhor.
Converte-te, pois, ao teu Deus,
guarda a misericórdia e a justiça

Por isso, em lugar de visões, tereis a noite,
e trevas, em vez de adivinhações.
Pôr-se-á o Sol sobre os profetas,
para eles se obscurecerá o dia.
Serão confundidos os videntes,
envergonhados os adivinhos.
Todos esconderão a boca,
porque Deus deixará de lhes falar

b. “Oráculo de Yhwh” (נְאֻם־יְהוָה / *nē’um Yhwh*). O enigma de um sussurro.

Uma outra expressão recorrente, na linguagem profética, que considero de uma relevância particular é **נְאֻם־יְהוָה / *nē’um Yhwh***, que as traduções traduzem convencionalmente com a palavra “Oráculo”. O que é um “Oráculo”? Os autores debatem as inúmeras possibilidades de significado do termo hebraico *nē’um*. Parece-me interessante a relação que se estabelece com a raiz árabe *n’m* (sussurrar), podendo constituir um particípio passivo de uma raiz hebraica semelhante e traduzir-se como:

“sussurro”. A expressão *né‘um Yhwh* poderia, portanto, traduzir-se como: *Sussurro de Yhwh*.²

Um sussurro evoca sempre algo que é dito numa certa **intimidade; requer atenção e concentração daquele que escuta...** Quando o profeta insiste em repetir constantemente “Sussurro de Yhwh”, parece sugerir-nos que Deus fala, mas fá-lo em sussurros, envolvendo-nos na escuta profética; no modo como o profeta perscruta na intimidade a Palavra de Deus, a sua presença e o sentido da história.

Por isso, também a expressão **נְהַיְתָה אֲדָמָה / né‘um Yhwh**; sejam eles oráculos/sussurros de condenação (frequentes no período antes do exílio) e oráculos/sussurros de salvação (típicos do pós-Exílio), são palavra dada e mediada por um ser humano, que se demarca pela profunda relação com Deus e pela atenção peculiar à realidade; **um ser humano que é capaz de escutar sussurros de Deus. Isto é um ser humano que é capaz de uma relação íntima e profunda que o torna capaz de ver o que os de coração distraído e os de atenção dispersa nunca conseguirão ver.** Toda a ausência de relação profunda, verdadeira... cria uma cegueira – a dos que pensam que são eles que veem – e na verdade veem, mas apenas nas aparências do ver, e por isso não veem as realidades do invisível, apenas do visível (cf. Jo cego de nascença).

Em síntese: a literalidade, intratextualidade das expressões “Assim fala o Senhor, Deus” ou “Oráculo de Yhwh”, distinguem e descrevem o profeta como um ser humano de singular capacidade de escuta e relação com Deus; **são homens e mulheres imbuídos de sussurros de Deus e do sentido que estes sussurros oferecem à história do seu tempo. A sua missão cumpre-se e plenifica-se, num serviço de mediação de uma Palavra que assegura a certeza da presença de Deus na história.** Nas palavras de condenação e salvação, esta Palavra assume uma dimensão salvífica que se opera pela denúncia explícita do mal e pela afirmação de uma salvação que, é acima de tudo, a plena realização do restabelecimento da relação com Deus.

² Note-se que este termo *né‘um* aparece 376 xs no AT, na sua maioria em textos proféticos. Na sua origem, o termo ‘oráculo / *né‘um*’ parece não ter tido um significado religioso. Indicava apenas o simples sussurro. Foi, certamente, o seu uso na linguagem profética que o associou ao âmbito divino. Terá sido provavelmente Amós (séc. VIII) quem utilizou pela primeira vez a expressão ‘oráculo/sussurro de Yhwh’, assinalando a peculiaridade da comunicação de Deus, que fala na primeira pessoa através do profeta, substituindo assim a conhecida fórmula do mensageiro ‘assim fala o Senhor Deus’.

2. “Não sei falar” (Jr 1,6). A palavra como ato profético

Na verdade, Deus fala. Fá-lo em “sussurros”, que irrompem na vida do profeta inesperadamente. O facto da profecia se apresentar como uma experiência da Palavra de Deus, escutada e comunicada, obriga-nos a repensar, continuamente, em que consiste este ato de falar e o que é que o torna profético?³

Se o ato de falar não é de todo um privilégio de alguns, mas um dom dado a todo o ser humano; algo constitutivo do seu ser.⁴ A verdade, é que o falar profético excede a simples capacidade de produzir ou reproduzir palavras, ainda que inteligentes, sensatas ou coerentes. É um falar, impossível de reduzir-se a formas e géneros.

O que distingue a palavra profética de uma outra palavra, não é a forma de dizer, mas a própria natureza de palavra, a sua origem: Deus. O profeta é, na realidade aquele que fala, porém na sua palavra humana afirma-se a verdade de uma outra palavra, a Palavra de Deus à história.

Na verdade, ambos o verdadeiro e o falso profeta utilizam a palavra. Porém, o falso profeta abre a boca e emite sons (cf. Jr 5,13; Mq 2,11)

«Renegaram o SENHOR, disseram bem alto: «Ele não vale nada; nenhum mal nos advirá, não cairão sobre nós nem a espada nem a fome. Os profetas são apenas vento e a Palavra de Deus não está com eles.»

O verdadeiro profeta abre a boca e fala, diz a verdade, que pela sua natureza e origem é revelação e a profecia é a presença desta verdade feita palavra na História; é uma palavra que diz a novidade e a urgência e a sua verdade é a própria história descoberta no seu sentido.⁵ A distinção entre verdadeiro e falso profeta (palavra verdadeira e falsa) está intrinsecamente ligada a esta definição do falar profético: a Palavra de Deus no ser humano.

O verdadeiro profeta jamais se afirma na sua competência e autoridade humana. Ele é um “enviado/mensageiro/”. O responsável pela palavra que ele comunica é Deus;

³ A tendência de limitar o fenómeno do profetismo a um movimento espiritual, entre séc. VIII e VI-V é, portanto, extremamente reductora [cf. A. NÉHER, *L'essenza del profetismo*, Casale Monferrato 1984,16].

⁴ “Quels que soient le langage ou les langues dans lesquelles il s’exprime, l’homme est un être de parole, un parlêtre (Jacques Lacan), C’est de parler qui le fait être et non pas l’inverse” [cf. D. VASSE, *Inceste et jalousie. La question de l’homme*, Paris 1995,65].

⁵ Cf. P. BOVATI, “ ‘Non so parlare’ (ger 1,6). La parola come atto profetico”, in *“Cosé parla il Signore”. Studi sul profetismo*, Bologna 2008, 56. Talvez por isso, toda a Escritura tende a constituir, em si mesma, uma profecia; uma revelação de deus e da sua palavra, feita através de diferentes mediações.

ele (profeta), não tem qualquer poder sobre esta Palavra, nem a pode alterar.⁶ A narrativa bíblica oferece-nos um exemplo significativo em Jr 1,4-10:

A palavra do SENHOR (וַיְדַבֵּר יְהוָה) foi-me dirigida nestes termos:

«Antes de te haver formado no ventre materno,

Eu já te conhecia / tinha conhecimento de ti (וַיֵּדַע יְהוָה);

antes que saíesses do seio de tua mãe,

Eu te consagrei e te constituí profeta das nações.»

E eu respondi:

«Ah! Senhor DEUS,

eu não sei falar / não tenho conhecimento da palavra (לֹא יָדַעְתִּי דְבַר),

pois ainda sou um jovem.»

Mas o SENHOR replicou-me:

«Não digas: ‘Sou um jovem’. Pois **irás onde Eu te enviar** (אֲשַׁלְחֶךָ תַּלְיָה)

e tudo o que Eu te mandar falarás (כָּל-אֲשֶׁר אֶצְוֶה תְדַבֵּר).

Não terás medo diante deles, pois Eu estou contigo para te livrar»

– oráculo do SENHOR (וַיֹּאמֶר יְהוָה). (Jr 1,4-10).

*As únicas palavras de Jeremias são “**Eu não sei falar**”. Lit. Eu não tenho conhecimento da Palavra.

Alguns interpretam-nas como uma objeção que Jeremias coloca... (eu não sei!!!), talvez por receio. Porém, no conjunto do relato, as palavras de Jeremias são expressão de uma realidade que pertence unicamente à verdadeira condição de profeta. **O que Jeremias diz é a sua verdade: a sua intrínseca impossibilidade humana de falar a Verdade (a Palavra que dá sentido à História)**. A tradução lit. ajuda-nos, neste sentido: o que Jeremias diz explicitamente é que ele não tem um conhecimento da Palavra.⁷

*Jeremias justifica-se dizendo que ainda **é, apenas um jovem**; um *na’ar*, que aqui

⁶ Esta dimensão é consolidada nos relatos de vocação profética, onde fica bem explícito que o falar profético, não provém de uma autoridade humana, mas de Deus. É Ele quem move os lábios e impele a falar. (cf. Gl 1,1 onde Paulo legitima a sua pregação: “Paulo, apóstolo, não da parte dos homens, nem por meio dos homens, mas por meio de Jesus Cristo e de Deus Pai”).

⁷ Alguns autores estabelecem um paralelo com Moisés. Porém, o facto de Jeremias justificar que o motivo é por ser jovem, não deixa dúvidas de que ele não se refere a uma limitação vocal [cf. C.R. SEITZ, “The Prophet Moses and the Canonical Shape of Jeremiah”, in ZWA 101 (1989) 3-27]. A estabelecer um paralelo, o mais adequado seria com Samuel, onde se sublinha também o facto de ele ser ainda jovem (1Sm 2,11.18.21.26; 3,1.8).

pode assumir uma dupla conotação: a alusão a uma fase ainda recente da sua vida; ou a situação de dependência de outro, a falta de autoridade própria.⁸ A ênfase na negativa sugere tratar-se de algo que constitui um obstáculo ao exercício do ministério profético. Jeremias estaria, portanto, a declarar a sua incapacidade ou incompetência, motivada pela sua imaturidade e falta de experiência (cf. 1Rs 3,7 Salomão que se declara igualmente um *na'ar*, alguém que “não sabia entrar nem sair”, i. é não era ainda capaz de desenvolver a sua missão pública de rei de um povo). No caso de Jeremias, a missão profética, não residia tanto no saber ou não fazer, mas no saber falar.

A competência ou a capacidade de agir numa sociedade aparece, deste modo, como um fator de autoridade. Jeremias pode lamentar-se, que precisamente por ser ainda jovem **não tem a experiência nem a maturidade, que possa oferecer uma autoridade à sua palavra.**

Jeremias sente que, à partida, **não possui autoridade para oferecer aos homens e mulheres do seu tempo uma palavra que suscite a obediência.** Na verdade, o fenómeno profético suscita sempre a pergunta: de onde lhe vem tal sabedoria? Ou em nome de que poder fazes dizes e fazes estas coisas (cf. Mt 13,54.56; 21,23).

Aquele que escuta a palavra profética reconhece que quem fala de um modo profético teve acesso a uma verdade de um modo diferente, que o torna capaz de dizer uma palavra que é Palavra de Deus. No entanto, isto não impede que o profeta tenha consciência plena de que ele, por si mesmo, não sabe falar. Isto, por si mesmo não tem acesso a esta Palavra de Deus, a esta verdade do sentido da História.

Neste sentido, a palavra profética é um falar que não sabe; i. é não é um conhecimento antecipado na memória, mas um dizer que é dado no momento da sua realização. **O profeta não diz o que estudou na Lei ou o que escutou os outros dizerem, mas apenas o que perscruta ser uma palavra de Deus à história do seu tempo.** No profeta existe um falar verdadeiro do qual depende totalmente o seu falar. Jeremias é um *na'ar* enquanto um servo da Palavra que aceita submeter-se à voz do seu Senhor. Em Jeremias, a constatação da sua total impotência (Jr 1,6)

⁸ Cf. J.R. LUNDBOM, “Rhetorical Structures in Jeremiah 1”, IN ZAW 103 (1991) 196-197. Esta palavra hebraica indica sobretudo um estatuto social, masi do que uma idade da vida [cf. R. de VAUX, *Le istituzioni dell'AT*, Torino 1972, 92].

deve compreender-se no âmbito de uma escolha de Deus (Jr 1,5), que lhe diz as palavras que ele deve dizer (Jr 1,7-10). O ser humano – homem ou mulher – torna-se profeta por uma escolha de Deus e uma obediência a esta vontade.

* É curioso que a afirmação de Jeremias (não sei falar / não conheço a palavra), é precedida por uma afirmação divina “eu te conheço”. O conhecimento ou o saber de que o profeta fala e que diz não possuir, é a capacidade de antecipar este conhecimento de Deus; O conhecimento de Deus precede a existência do ser humano, mesmo enquanto um ser que fala.

A relação entre Deus e o profeta é dada através do verbo conhecer. Este conhecimento é sobretudo de âmbito sapiencial. Isto é, implica algo que não é apenas do campo da inteligência, mas também da experiência do que é conhecido. O movimento que inicia o conhecimento desemboca na comunicação de Deus ao ser humano, tornando-o um profeta.⁹ A expressão “Eu já te conhecia...” deve interpretar-se como uma relação especial de intimidade que Deus tem com Jeremias e que o constituirá profeta.¹⁰

3. “A quem eu te enviar tu irás” (Jr 1,7): a soberania da palavra.

A Palavra é soberana. Ela apresenta-se a Jeremias e todos os profetas sob a forma de um imperativo, exigindo incondicional obediência. Não existe um outro campo literário em toda a Escritura que melhor expresse a interioridade da autoridade divina.

Deus disse (וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים): “Exista a Luz (יְהִי אֹר)” (Gn 1,3)

O Senhor disse (וַיֹּאמֶר יְהוָה) a Abraão: “Deixa a tua terra (לְךָ-לְךָ)” (Gn 12,1)

⁹ Conhecer, falar e fazer falar não é exclusiva do profetismo... mas de um contexto de Aliança (cf Ex 33,12.17; Nm 12,8; 2 Sm 7,5-17.20-21).

¹⁰ Na verdade, sempre que se diz que Deus conhece um ser humano, significa que lhe reconhece um estatuto especial... que lhe fala e comunica um sentido uma verdade divina. Trata-se de um conceito de conhecimento, que não significa apropriação de algo, mas de abertura a um dom e comunicação com um outro.

O Senhor disse-me (וַיֹּאמֶר יְהוָה אֵלַי): "... a todos aqueles a quem eu te enviar tu irás e a tudo o que eu te ordenar tu falarás. (עַל-כָּל-אֲשֶׁר אֶשְׁלַחְךָ תֵּלֵךְ כָּל-אֲשֶׁר אֶצְוֶה) (Jr 1,7)

O profeta define-se como alguém que é capaz de escutar este imperativo: uma voz que lhe exige que fale e lhe diz o que deve falar... e será no próprio ato do seu falar que ele percebe que não é **ele o principio ativo de inteligência e decisão, mas apenas alguém que aceita submeter-se ao imperativo do falar de Deus.** O profeta será sempre o que "não sabe falar / não conhece a Palavra"... que entra neste conhecimento pelo mandato divino, construído na relação e na obediência (Jz 6,15 Jedaão; 1Sm 10,22 Saul; Gn 1,1-3 Jonas).

O mandato é profético é missão, na medida em que ele constitui um serviço em função da vida dos outros. Não se trata, apenas, de um conhecimento íntimo de Deus e da sua vontade; de uma compreensão interior do sentido da história ou de uma intervenção direta de transformação. O profeta é chamado a comunicar uma Palavra aos homens e mulheres do seu tempo, num confronto que pretende ser transformação da história e restabelecimento de uma relação nova com Deus.

Deus diz a Jeremias: "Far-te-ão guerra, mas não hão de vencer, porque **Eu estou contigo para te salvar – oráculo do SENHOR.**" (Jr 1,18). Todos conhecemos a oposição que os profetas conheceram e que deixou em nós impressa a associação entre profecia e sofrimento ("A vossa própria espada dizimou os vossos profetas, qual leão devastador." Jr 2,30), bem assinalada nas expressões "Não temas" (Jr 1,8) e "Não te espantes" (...levanta-te e diz-lhes tudo o que Eu te ordenar. Não temas diante deles Jr 1,17). O profeta tem medo de não ser escutado, de sofrer inutilmente e de morrer na vergonha, e experimenta a mais profunda angústia:

"Maldito seja o homem que anunciou a meu pai: «Nasceu-te um menino; alegra-te por ele!» Seja este homem como as cidades que o Senhor aniquilou sem piedade. Ouça gritos de manhã e o fragor da batalha ao meio-dia. Porque não me deu Ele a morte no ventre materno? Então, minha mãe teria sido o meu túmulo e o seu ventre permaneceria grávido para sempre! Porque saí do seu seio? Somente para contemplar tormentos e misérias, e consumir os meus dias na confusão?" (Jr 20,15-18)

Só no horizonte confiante de uma Palavra onde Deus se revela como imperativo, mas também como promessa, o profeta pode abraçar a missão de falar: (Jr 1,8-9)

Não terás medo diante deles, pois Eu estou contigo para te livrar»
– oráculo do SENHOR...

Far-te-ão guerra, mas não hão de vencer, porque Eu estou contigo para te salvar» – oráculo do SENHOR.

A absoluta confiança nesta Palavra torna todo profeta capaz de ultrapassar o medo e vencer o pensamento de que a sua paz consistiria em renunciar a falar. É a própria obediência à Palavra de Deus que lhe permite sair da escravidão do medo de morrer e, na fé, abraçar a certeza da presença de Deus na vida.

Mas esta promessa é apenas uma representação exterior, uma figura da verdade profética. **O que salva o profeta é a palavra que ele anuncia; é a presença de Deus na própria Palavra.**

4. A missão como leitura do sentido da vida e da história

Para muitos, o profeta é, ainda hoje, uma figura estranha... O cristianismo dos primeiros tempos, embora não dê grande relevo a esta figura, reconhece que o espírito de profecia é dado a todos os crentes. Que espírito de profecia é este?

A Palavra profética não se resume a um ensinamento ético ou espiritual de grande profundidade; **ela constitui uma revelação do verdadeiro sentido da história; o modo como os homens e mulheres crentes devem ler e estar na história.** A História é o lugar onde Deus se manifesta. O profeta, em nome de Deus, interpela a História e revela-lhe a presença que é o sentido de toda a criação: Deus. **O sentido da história é Deus, enquanto princípio de amor e promotor de Aliança e Salvação eterna.**

É talvez por isso que Moisés é considerado o maior dos profetas. Ele soube oferecer um sentido à história de Israel, desde o início da caminhada no deserto até ao fim do exílio (cf. Dt 34-10-12). Neste sentido, a profecia é, também e essencialmente, uma palavra sobre o que foi e o que será, que ajuda a iluminar o presente; provocando-o no seu acontecer.

A missão é a comunicação de uma Palavra escutada e percebida como de Deus; uma palavra, muitas vezes incómoda e desafiadora (oráculos de condenação), outras surpreendente e admirável (oráculos de salvação). Não se pretende operações de estética, embelezamento de comportamentos, mas abrir os caminhos de uma fé e relação autêntica, que transforme práticas religiosas incoerentes e falsas, simplesmente tranquilizadoras de consciências duplas (cf. Jr 7,11).

A dificuldade de escutar uma palavra profética e de permanecer na fé é um desafio permanente. Pensemos em Jesus, como foi difícil fazer entender aos seus discípulos que era “necessário perder a própria vida para salvarem-se” (Mt 16,25)... o próprio Pedro, o primeiro dos discípulos, teve dificuldades (Mt 16,22-23).

Os profetas anunciaram, não um entre outros sentidos, **mas o único sentido da história**. Isto é a imperiosa necessidade de um exílio e de um prodigioso regresso à vida; e neste sentido profetizaram um só evento, o da morte e o da ressurreição. Todos falando do seu presente falaram da Palavra incarnada na História. Sentido e realização da história e da Criação.

5. Profecia e Missão: a inclusividade do testemunho bíblico

Neste contexto, apenas um breve nota para sublinhar a inclusividade do testemunho bíblico. É, por demais conhecido e aceite, que as Escrituras judaicas e cristãs não atribuem o serviço da profecia somente a homens. Embora, o façam de uma forma mais contida, o facto é que existe um reconhecimento alargado de que este serviço da Palavra também foi assumido por mulheres, de uma forma corajosa e determinante

Em Êxodo 15,20–21, refere-se que **Miriam**, a profetiza (מִרְיָם הַנְּבִיאָה) liderou as no canto e dança após a travessia do Mar Vermelho. Para muitos autores, trata-se de um dos textos mais antigo que o do canto do próprio Moisés (Êxodo 15,1-18) que preceda o de Miriam. Para alguns exegetas pode ter sido Miriam e não Moisés, quem **liderou a**

primeira celebração da vitória do êxodo.¹¹ Defendem que Miriam teria desempenhado um papel de liderança, significativo, e que existem nas Escrituras situações onde a dança aparece claramente identificada com a profecia (cf. 1 Sm 10; 1Cro 25)¹² E embora os contornos da ação profética de Miriam possam ser singulares, o facto é que em Num 12,1–16, Miriam e Arão aparecem envolvidos num conflito com Moisés, precisamente por causa da sua autoridade profética:

“ Maria e Aarão falaram contra Moisés por causa da mulher etíope que ele tinha tomado, por ter desposado uma etíope; e disseram: «**Acaso foi só a Moisés que o SENHOR falou? Não nos falou também a nós?**»... »”.

Num estudo recente argumenta-se que que Miriam teria sido uma mulher cuja “liderança e status profético se manteve por conta própria”.¹³ Ela teria sido de tal modo admirada pelo povo que este se recusou a deixar Hacerot sem ela (Nm 12,15 cf. Mq 6,4).

O debate sobre o papel profético de **Débora** parte de uma argumentação literária acerca do significado do seu nome: “abelha”, “ela falou”.¹⁴ Para a grande maioria de

¹¹ Cf. Gafney, *Daughters of Miriam: Women Prophets in Ancient Israel* (Minneapolis: Fortress, 2008), 185.

¹² Cf. Blenkinsopp, *A History of Prophecy*, 51; Burns, *Has the Lord Indeed Spoken*, 7, 121. Contra Susan Ackerman, “Why Is Miriam Also Among the Prophets? (And Is Zipporah Among the Priests?),” *JBL* 121, no. 1 (Spring 2002): 63; Burns, *Has the Lord Indeed Spoken*, 77, 122. See further, Karen Strand Winslow, *Framing Zipporah: Early Jewish and Christian Memories of Moses’ Wives: Exogamist Marriage and Ethnic Identity* (Lewiston: Edwin Mellen, 2005).

¹³ Carol Meyers, gen. ed., Toni Craven and Ross Kramer, assoc. eds., *Women in Scripture: A Dictionary of Named and Unnamed Women in the Hebrew Bible, the Apocryphal/Deuterocanonical Books, and the New Testament* (Boston: Houghton Mifflin, 2000), 11.

¹⁴ Cf. Gafney, *Daughters of Miriam*, 90; Frymer-Kensky, *Reading the Women of the Bible*, 51. Débora é a mulher de Lapidote, muitas vezes traduzida como “esposa de Lapidote”. Lappidoth significa “tocha”, e alguns comentaristas Creio que Lappidoth e Barak (que significa “fogo”) são a mesma pessoa.²⁰ Eles concluem que Débora derivou seu status de seu relacionamento com Baraque.²¹ “Mulher de Lappidoth” é mais provavelmente um descritor que retrata Deborah como uma “mulher de tochas”. “Ou uma” mulher de fogo”. (Sasson, *Judges 1–12*, 257; Leah Kohn, “Deborah as Prophetess, Judge, and Mother: A Woman’s Innate Ability to Inspire,” *Women in Judaism*, 2002, *Torah.org*, 1995–2007, n.p., <http://www.torah.org/learning/women/class62.html>.; JoAnn Hackett, “In the Days of Jael: Reclaiming the History of Women in Ancient Israel,” in Clarissa W. Atkinson, Constance H. Buchanan, and Margaret Ruth Miles, eds., *Immaculate and Powerful: The Female in Sacred Imagery and Social Reality* (Boston: Beacon, 1985), 27. Hackett successfully refutes the notion

exegetas, Débora foi uma profetisa de Yhwh. Ela “recebeu e transmitiu mensagens proféticas relacionadas com a história do seu tempo. . . (cf. Jz 4,6-7.9.14). Em Juízes 4,7, a declaração de Débora sobre a desígnio do Deus foi feita na primeira pessoa porque era o próprio Deus quem falava, não Débora. As palavras “Eu entregarei [o inimigo] em sua mão” eram uma expressão característica usada pelos profetas antes da batalha.¹⁵

Não obstante uma juíza (a única no livro de Juízes que na verdade é descrita como julgadora) e uma estratega militar, não há dúvida de que Débora desempenhou um papel fundamental como profetisa no período pré-monárquico de Israel.¹⁶ Além disso, Débora era uma “mãe em Israel” (Jz 5,7), que, como o título “pai”, designava a liderança na tradição profética (1Sm 10,12; 2Rs 2,12 Eliseu viu tudo isto e exclamou: «Meu pai, meu pai! Carro e condutor de Israel!» E não o voltou a ver mais.).

A singularidade de Miriam e de Débora, em relação às formas de profecia dos profetas “escritores”, parecem desvanecer-se quando encontramos **Hulda**, uma profetiza assumidamente na sua linguagem e ação:

“...foram ter com a profetisa Hulda... Falaram com Hulda e ela respondeu: «Isto diz o Senhor (יְהוָה אֱמַר), Deus de Israel: Dizei àquele que vos mandou vir a mim: Assim fala o Senhor (יְהוָה אֱמַר): Vou enviar calamidades sobre este lugar e sobre os seus habitantes, conforme as ameaças que o rei de Judá leu no livro. Pois eles abandonaram-me e queimaram incenso a deuses estrangeiros, irritando-me com as suas obras; a minha indignação inflamou-se contra esta terra e não se apagará mais. Ao rei de Judá, que vos mandou consultar o Senhor, direis: Isto diz o Senhor (יְהוָה אֱמַר): Porque ouviste as palavras do livro, e o teu coração se atemorizou, e te humilhaste diante do Senhor, ao ouvir a minha sentença contra esse lugar e contra os seus habitantes, condenados a serem objeto de espanto e de maldição, e rasgaste as tuas vestes e choraste diante de mim, Eu também te ouvi – oráculo do

that Barak was the “real judge” in the story. See also Sasson, *Judges 1–12*, 257; Cathy Skidmore-Hess and Daniel Skidmore-Hess, “Dousing the Fiery Woman: The Diminishing of the Prophetess Deborah,” *Shofar: An Interdisciplinary Journal of Jewish Studies* 31, no. 1 (Fall 2012); Frymer-Kensky, *Reading the Women of the Bible*, 46; Gafney, *Daughters of Miriam*, 8, 90; Sasson, *Judges 1–12*, 256.)

¹⁵ Cf. Ackerman, “Why Is Miriam,” 62; Burns, *Has the Lord Indeed Spoken*, 42–43; Herzberg, “Deborah and Moses,” 19.

¹⁶ Mariottini, “Deborah the Prophetess,” *The Claude Mariottini Blog*, n.p., <http://www.claudemariottini.com/2009/04/17/deborah-the-prophetess/.htm>; Skidmore-Hess, “Dousing the Fiery Woman,” 2.

Senhor (יהוה־דאָס). Por isso, vou reunir-te a teus pais e serás sepultado em paz no teu sepulcro, para que os teus olhos não vejam as calamidades que vou enviar sobre esta terra.» Voltaram, pois, e referiram ao rei o que a profetisa lhes dissera. (2Rs 22,)

Dois relatos separados (2 Rs 22: 8–20 e 2 Cr 34: 14–28) relatam que a profetiza Hulda, foi escolhida pelo sumo sacerdote para interpretar o significado do pergaminho encontrado no templo. Através de Yhwh, Hulda confirmou sua autenticidade. O texto não explica porque é que os contemporâneos de Hulda (por exemplo, Jeremias ou Sofonias) não foram escolhidos, mas o narrador não demonstra surpresa pelo fato de a "profetisa", ser uma mulher e de ela ter sido tratada de igual modo a um outro profeta homem.¹⁷

Embora o objetivo principal destas narrativas seja estabelecer Josias na sua fidelidade a Yhwh, a narrativa também sublinha que a profetiza Hulda desenvolveu um papel, igualmente, importante, na afirmação “do culto monoteísta a Yhwh, como a única expressão legítima da antiga religião israelita”.

A narrativa bíblica fala-nos, ainda, de Noadías líder de um grupo profético que se opunha a Neemias Ela terá representado uma ameaça significativa, levando Neemias a orar pedindo ajuda: (Nem 6,14 «Lembra-te, ó meu Deus, das maldades de Tobias e de Sanebalat. Lembra-te, também, da profetisa Noadías e dos outros profetas que procuravam atemorizar-me.»). O texto bíblico não dá nenhuma razão específica para a hostilidade de Neemias em relação a ela. Tudo indica que para Noadías o problema não seria a reconstrução do muro, mas a separação que ele representava para Jerusalém e os outros povos seus vizinhos; encorajaria a dissolução de casamentos mistos e o exílio de mulheres e crianças estrangeiras.¹⁸ A narrativa é muito clara: não é a identidade de Noadías, como um profetiza, que é contestada; mas a interpretação da Torá. A presença de Noadías constitui um exemplo de que as profetas do sexo feminino eram líderes que tinham um impacto significativo nas comunidades no período pós-exílico.

¹⁷ Cf. Rachel Neiman, “The Prophetess Hulda: Her Message of Hope,” *Women in Judaism*, 2002, *Torah.org*, 1995–2007, n.p., <http://www.torah.org/learning/women/class51.html>. Camp, “Huldah,” 96; Frymer-Kensky, *Reading the Women of the Bible*, 234–35.

¹⁸ Cf. Gafney, *Daughters of Miriam*, 9–10; 111–12; Ackerman, “Why Is Miriam,” 56;

O profeta Joel em 2,28 descreve um tempo futuro em que todo Israel receberá o espírito de Deus: homens jovens e mulheres jovens profetizarão, os anciãos sonharão e os jovens terão visões. Este texto emerge como a realização da esperança de Moisés de que todo o povo de YHWH - homens e mulheres, jovens e idosos - seriam profetas (Nm 11,29).

É também, um facto, que várias outras mulheres que não são chamadas de "profetisas", realizaram atividades proféticas. Raab proferiu um oráculo profético prevendo a vitória de Israel (Js 2,9-11).¹⁹ A mãe de Sansão (conhecida apenas como a esposa de Manoá, Juízes 13,1-23) recebeu uma mensagem divina referente à sua gravidez; que só ela (não o marido) foi capaz de interpretar.⁵⁶ Em 1Sm 25: 28-31, Abigail perscruta o destino de Davi numa profecia tríplice que mais tarde foi repetida por Natã (2Sm 7,8, 9.16). Em numerosos textos, como o de Oseias 6,5, o uso do masculino plural n^ebî'îm, quando se refere a todos os profetas anteriores enviados por que Yhwh, parece incluir também mulheres profetas; esses textos deveriam ler: "falei pelos profetas homens e mulheres".²⁰

Qual a importância de reconhecermos esta inclusividade, ainda que com traços singulares, da profecia bíblica?

A verdadeira questão não é tanto a de debater os traços de uma sociedade patriarcal estratificada em que uma elite masculina monopolizava o poder religioso e político, ou que o foco androcêntrico dos textos tenha fomentado uma tradição de interpretação centrada nos profetas do sexo masculino, obscurecendo o papel dos profetas do sexo

¹⁹ Cf. Frymer-Kensky, *Reading the Women of the Bible*, 298.

²⁰ Cf. Gafney, *Daughters of Miriam*, 160-64. Estes textos deveriam ler: "falei pelos profetas homens e mulheres". Existem 153 ocorrências de n^ebî'îm no AT, mas "a gramática do hebraico bíblico prevê que noventa e nove mulheres profetas com um profeta masculino em seu meio devem ser designadas pelo plural masculino, pode obscurecer a presença de um número incontável de mulheres-profetas", escreve Gafney. A menos que o narrador especifique que um grupo de profetas consiste unicamente de homens, pode e provavelmente incluir mulheres.

feminino, mas sobretudo de **entender que a própria Escritura subentende uma inclusividade deste serviço da palavra.**²¹

Esta inclusividade reaparece nas primeiras comunidades cristãs, constituídas pela diversidade de gênero e de ministérios. É ali que Paulo admite que **todos podem profetizar** (1 Cor 14,29-40):

Quanto aos profetas, que falem dois ou três e que os outros façam o discernimento. Mas se um outro entre os presentes recebe uma revelação, cale-se o anterior. Todos podeis profetizar, (δύνασθε γὰρ καθ' ἓνα πάντες προφητεύειν,) mas um após outro, para que todos sejam instruídos e exortados. Mas as inspirações dos profetas devem submeter-se aos profetas, 33 porque Deus não é um Deus de desordem, mas de paz...

Porventura a palavra de Deus, partiu de vós ou só a vós foi comunicada? Se algum de vós julga ser profeta ou estar na posse dos dons do Espírito, deve reconhecer, no que vos escrevo, um preceito do Senhor. Mas se alguém não o reconhecer, também não será reconhecido. Assim, pois, irmãos, aspirai ao dom da profecia e não impeçais que se fale em línguas. Mas que tudo se faça com decoro e ordem.

Conclusão

A compreensão e abertura à Profecia e à Missão constituem um desafio permanente a uma verdadeira escuta e relação com Deus. A Profecia perpetuou-se no tempo, na vida de homens e mulheres crentes que se abriram à escuta de uma Palavra que irrompeu na sua vida. Uma palavra sussurrada, destinada a ser comunicada ainda que com o preço da própria vida. Os mártires do nosso tempo (o bispo mártir de El Salvador Oscar Romero; o Cardeal Posada Ocampo, assassinado pelos narcotraficantes no aeroporto mexicano de Guadalajara; desde o pastor evangélico Paul Schneider ao aldeão Franz Jagerstatter, ambos opositores do nazismo, por objeção de consciência e testemunha de fé; desde o monge e guia espiritual Sofian Boghiu, opositor do totalitarismo comunista na Roménia até a André Santoro, padre romano morto na Turquia como ainda o sacerdote francês André Jarlan, no Chile – testemunhas do diálogo e da amizade com os mais pobres; Dorothy Day; São Maximiliano Kolbe (+

²¹ Saiba-se que recentemente, estudiosas como Susan Ackerman, acredita que as mulheres profetas eram “anomalias”, continuando a questionar o impacto das profetisas ou descartá-las completamente.

1941), franciscano polonês); D. Bonhoefer... são um testemunho profético, de seres humanos onde a Palavra encontrou um lugar e se tornou voz, gesto para o mundo.

As inúmeras intervenções dos últimos pontificados... nomeadamente a palavra do Papa Francisco perante a gravidade do comportamento de um grande número de membros da Igreja oferecem um rosto da profecia e da missão hoje. É SEM DÚVIDA UMA PALAVRA que emerge da mais profunda escuta e relação com Deus. Também, ele experimenta que a sua palavra não provém de um conhecimento antecipado de verdades... mas da escuta de Deus na História; do que Deus lhe dá a conhecer na intimidade.

É por demais evidente o seu imperativo a falar, não pelas suas convicções, mas em nome da vida do ser humano e do planeta.

As inúmeras perseguições de dentro e fora da Igreja associam-no ao sofrimento dos profetas bíblicos... a sua persistência evidencia a sua absoluta confiança em Deus, de que só Ele poderá salvar o mundo dos seus egoísmos.

Quando a missão se assume como uma escuta profunda de Deus na História que acorda o anúncio ou a denúncia, ela e que não recua perante as maiores dificuldades... ela requer homens e mulheres de grande humildade e integridade... capazes de não dizer palavra fáceis e de abraçar causas que não são suas, mas de Deus.